



UNICAMP

EVENTO:	PARABELO TRANSFIGURA ERUDITO EM POPULAR
VEÍCULO:	ESTADO DE S.PAULO
DATA:	15.09.97
PÁGINA:	
SEÇÃO:	CADERNO 2



ARTES CÊNICAS



Grupo Corpo em 'Parabelo', com direção-geral de Rodrigo Pederneiras: poucos trabalhos em dança se propuseram a uma sintonia tão grande entre coreografia, música, cenografia e figurinos

'Parabelo' transfigura erudito em popular

Estruturado na música de Tom Zé e José Miguel Wisnik, o novo espetáculo do grupo mineiro Corpo, que estréia quarta-feira no Teatro Municipal, incorpora elementos populares ao gestual clássico

HELENA KATZ
Especial para o Estado

Parabelo é uma arma solar. Vem com gosto de lavadeira, de xaxado, de sertão e de tecnologia. Sem fronteiras. *Parabelo*, o novo espetáculo do Grupo Corpo, estréia na quarta-feira, às 21 horas, no Teatro Municipal de São Paulo, onde será apresentado até domingo. Depois, segue para Brasília, Porto Ale-

gre e Curitiba.

Em Lyon, na França, onde a companhia é residente na Maison de la Danse, a temporada começa no dia 2 de dezembro, mas já está com os ingressos praticamente esgotados: ao ser anunciada, a nova produção da companhia mineira vendeu 4 mil ingressos nos dois primeiros dias. Um recorde local que levou o diretor do teatro, Guy Darnet, a telefonar para o grupo comentando sua enorme po-

pularidade por lá.

Parabelo vem assinada pelo quarteto de sempre: coreografia de Rodrigo Pederneiras, figurinos de Freusa Zechmeister, cenários de Fernando Velloso e Paulo Pederneiras, iluminação e direção-geral de Paulo Pederneiras. E conta com trilha sonora especialmente composta por Tom Zé e José Miguel Wisnik.

Quando todos começarem a comentar o primor da produção, mais

uma vez impecável em todos os detalhes, naquele padrão de qualidade que o Corpo cunhou, vale lembrar que sem o patrocínio da Shell do Brasil, iniciado em 1989, e o da Telemig, a partir deste ano, teria sido outra a trajetória da companhia. E também outra a sua importância na história da dança no Brasil.

Desta vez, a música de Tom Zé e de José Miguel Wisnik foi a matriz. Ela impede as preguiçosas descrições dos que teimam em

manter em reservas apartadas o erudito e o popular. Não tem lá nem cá, nem se trata de trânsito entre essas duas instâncias.

Os modos de fazer soar de Tom Zé e José Miguel Wisnik até despertam-nos para um outro sentido da palavra parabelo. Nos seus entrecostados musicais, os dois compositores doam-nos um acesso a um possível para-belo, ou seja, um pró-belo, a um lado paralelo, subsidiário ao belo. (O *Dicionário Aurélio* indica, entre outros significados de "para", os de proximidade, ao lado de, ao longo de, elemento acessório e semelhante.)

Esse outro para-belo, simultâneo ao parabelo, faz todo o sentido aqui.

Porque o *Parabelo* do Grupo Corpo foi povoado por belezas de muitas estirpes, estiradas pelo que de novo aponta o desenho da movimentação, pelo figurino, no cenário e, na música, que aqui atua como fundação.

Poucos trabalhos em dança se propuseram a uma sintonia tão grande entre coreografia, música, cenografia e figurinos. Há como um mesmo entendimento que, como a paisagem do sertão, se vai replicando por todos os seus horizontes. No caso do Grupo Corpo, de Tom Zé e Wisnik, estes horizontes estão sempre mais ali, um pouco depois do lá, onde a vista alcança agora.

INGRESSOS
EM LYON
ESTÃO QUASE
ESGOTADOS

Coreografia incorpora novidades tecnológicas

Pela primeira vez na história da companhia, os cenários recebem tratamento digital

Em *Parabelo*, Freusa Zechmeister inaugurou cores fortes: vermelho, laranja e amarelo. No começo, elas estão veladas por tule preto, que produz um efeito especial de contorno na musculatura dos bailarinos. Num segundo momento, etapa de transição, o tule é substituído por uma saia-calça, igualmente transparente e preta, que prepara para o final, quando o elenco se veste apenas com malhas (as meninas de tomara-que-caia e barriga de fora, os rapazes de torso nu e todos com perneiras e pantalonas

mo se estivessem soltas contra um fundo negro e uma iluminação especial", continua ele.

Paulo Pederneiras comenta: "Eu me rendi ao computador, desta vez; depois de dois dias inteirinhos sentado à frente dele, não havia como deixar de ficar impressionado com a amplitude dos seus recursos e com a qualidade do resultado."

O segundo cenário, hiper-realista, desenvolveu-se a partir de outra foto de José Luiz Pederneiras, tirada em Aparecida, cidade de romeiros católicos. Trata-se de uma montagem como a da tradicional parede de fotos de Aparecida, desenvolvida a partir da foto de um cantinho abandonado. Medindo 8 m X 15 m, nesse telão predomina a imagem de uma noiva, de 4 metros de altura.

"Claro que há um aroma de algo regional, em certo sentido, mas o que sempre nos interessa é justamente o que de mais geral existe, não apenas nessas fontes, mas em todas", diz Fernando Velloso.

A mesma tensão que a música doa. José Miguel Wisnik conta que, ao fim dos três meses em que trabalhou quase diariamente com Tom Zé, recebeu um delicioso telefonema dele, dizendo: "Estou protestando contra a interrupção das atividades."

Tecnologia — A ligação dos dois é antiga. Tom Zé tinha um projeto de fazer música só com ruídos de aparelhos muito antes de a tecnologia haver disponibilizado o sampler, por exemplo, e generalizado



Momento de 'Parabelo': produção impecável em todos os detalhes

esse tipo de sonoridade. Na época, fazia isso artesanalmente, girando fontes em gravadores de frequência. "A concepção da música de Tom Zé pedia pela tecnologia que viria depois e eu fui testemunha disso, nos anos 70, quando já conversávamos muito", lembra Wisnik.

Quando o plano de trabalhar uma nova trilha para o Grupo Corpo em parceria com Tom Zé se confirmou (ele já havia composto a de *Nazareth*, em 1993), os dois partiram desse princípio e começaram a pesquisar fontes. "Nós começamos tentando realizar a música da forma como um sertanejo pensa um sampler", conta Wisnik. "O desafio foi ótimo, porque estava claro, para nós, que a música tinha de sair de dentro dos sons criados, o que nos levou a evitar a facilidade da colagem", explica ele.

Na composição, toda a tecnologia foi posta a serviço do artesanato. Ela começa com uma cantilena sobre o som de pilão socado e a combinação de pilão com voz se tornou uma fonte. Uma outra foi o "bochexaxado" que Tom Zé criou quando fez percussão com água dentro da boca. Há também um outro som, feito com uma daquelas bexigas de festa infantil, que é esfregada nos dentes e resulta na impressão de algo eletrônico.

Testemunho — "Nesta obra há presença do corpo que faz a música nele mesmo, num percurso exploratório, que faz da música um testemunho do corpo que está na música", ensina Wisnik. "E para que isso ficasse, de fato, claro, a produção de Paulo Tatit e do Alexandre, que também são músicos, foi muito importante."

Mas os deslocamentos não pararam aí, nas trocas entre o corpóreo

do carbono (humano) e o sonoro (ondas). Curiosamente, também o corpo de Tom Zé foi levado para dentro da coreografia, uma vez que a primeira cena — em que todos os bailarinos estão acorados — Rodrigo Pederneiras compôs a partir das ginásticas que Tom Zé faz no estúdio. Tom Zé lembra sempre que são as lavadeiras de Iraí, do sertão onde ele nasceu, que foram transformadas em músicas, desta vez. (Paulo Pederneiras comentou sobre essas lavadeiras: elas são "as nossas vozes das mulheres búlgaras".) E a voz feminina que canta 'a capela' é a de Gilvanete Rocha Silva, empregada de José Miguel Wisnik.

Parabelo começa com as mãos dos bailarinos espalmadas no chão. Imagem emblemática do que se vai enraizar nos seus corpos, ao longo da coreografia, e remete para uma das cenas mais ritualísticas de *21*, obra de 1992.

"Nunca coreografei tão rápido como desta vez", declara Rodrigo Pederneiras. "E nunca fiz nada que fosse tão regional nem tão contemporâneo." E completa, arriscando que talvez seja esta a mais brasileira das suas coreografias.

Porque enunciada pelo próprio autor, a frase merece atenção. Há tempos processando misturas, ao quebrar e dobrar a técnica do balé clássico — a sua matriz — foi conduzindo-a a um estado híbrido com as danças populares brasileiras. Agora, inaugura-se em *Parabelo* o que *Bach, Sete ou Oito Peças para um Ballet, Nazareth* e *21* prepararam.

A discussão do que é ou deixa de ser brasileiro em dança ganha um novo subsídio. E, também nesse caso, *Parabelo* é mesmo uma arma, isto é, um instrumento que aponta. (H.K.)